

RANNJON MIKAEL

ODIÁRIO DED

UMA
HISTÓRIA
DE
CALAMANDARA

PARTE I



**ODIÁRIO
DE D.**

RANNJON MIKAEL

ODIÁRIO
DED.

UMA
HISTÓRIA
DE
CALAMANDARA

PARTE

I

ODIÁRIO DE D.

O Diário de D.

Rannjon Mikael

Ilustração de capa:

Hyanaigi

Copyright © Rannjon Mikael Soares Cavalcante
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial.

© edição brasileira Sunofesto Editora
2025

O conteúdo deste livro é uma prévia e não pode ser
reproduzido ou comercializado sob nenhuma hipótese.

Sunofesto Editora

CNPJ: 51.353.053/0001-27

Rua Barbosa de Freitas, 1741 - Sala 04

Cep: 60.170-021 - Aldeota, Fortaleza - CE

Acesse:

www.sunofesto.com.br

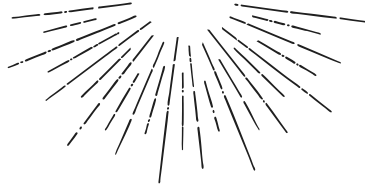
Fale conosco:

editora@sunofesto.com.br



*Eis aqui
palavras
e t́mulos.*

UM MEIO



Párcora, Região II

O que você quer? Conte-me qualquer coisa, seja isso bom ou não. Conte-me sobre o agora e o que já foi. Diga-me sobre o que vem depois.

Pois estou sozinho... tanto tempo... sozinho.

Onde está você, vigilante?! Onde está sua força a me tomar? Venha agora, invada-me. Aqui estou eu como uma presa descuidada! Devora-me depressa, que meu fluxo está tomado pelo medo e delírio!

Sozinho...

Olho para trás, mas não é o bastante, pois já avancei demais e já não vejo o princípio. Apenas sei que algo me falta, pois perco a cada passo pedaços de mim mesmo. Sei que quando alcançar o fim, o que restar de minha carcaça será aquilo que nunca fui. Ali não será eu. Lembre-se disto: não será eu.

Você demora... por ser injusto. Estou aqui, em prantos, clamando pelo meu fim, mas você me ignora, porque prefere de alimento um ingênuo sorriso que não entende os limites e leis deste mundo. Por que você faz isso? Meu choro não é alto o suficiente, ou talvez você não seja tão inculto como dizem, mas sim um sádico consciente de si, que prefere destruir a inocência dos afetos mais genuínos? Não poderia ter destruído de imediato a humanidade em vez de nos fazer perdê-la internamente? Você é assim... eu sei. Você não devora o homem, mas o humano.

Ontem recorri às lembranças ardilosas, e dessa escolha chorei com grande arrependimento.

É um grande erro, neste cenário inglório, derramar lágrimas pelo passado. Apenas são dignas de perdão aquelas que caem pelo futuro. Nesse sentido, ele nos olha com desprezo, não com compaixão. É por esse motivo que o sofrer pelo porvir se assemelha a um palco, cuja plateia está sedenta por um novo espetáculo humano: o de chorar pela esperança de um novo mundo. Agora... seja descuidado, audacioso e veja o que acontece. Desespera-te pelo amor perdido, pelos tempos felizes que já se foram e veja... veja como arderá sua fúria.

O que fiz foi de grande descuido.

Mas qual a culpa que carrego em limpar o suor do meu rosto, apenas de vez em quando, nas águas do passado? É inevitável. Que culpa tenho de sentir esses reflexos sutis, incontornáveis?

Apesar dos desabafos da noite anterior, isso não se trata de um diálogo com ele.

Na verdade, quem me dera ter o poder de ignorar sua presença. O problema é que as palavras não podem ser escondi-

das: nem aquelas que são ditas, nem as escritas, muito menos as pensadas

Em sua intromissão, não existem gavetas que não possam ser abertas.

Como é irônico pensar sobre a adoração dos povos antigos, que davam louvores pela onisciência e onipresença de seres intangíveis!

Talvez, se soubessem o resultado real de um fenômeno dominante controlando suas vidas, pensariam diferente. Se conhecessem o nosso mundo, veriam o quão belo ele é, mas também o quão destruído e cativo ele se tornou.

Aqui nasci, no pós-mundo. Não sou diferente de ninguém.

Todos queriam viver, pelo menos por um minuto, sob uma capa imaginária que nos ocultasse completamente dele, e nos permitisse provar da liberdade, e viver sem temer os fluxos que tanto aprisionam nossa legítima alegria e prazer.

Assim faz este, este... Dogma. Sim, assim ele é chamado, mas não sendo este o seu único título, muito menos o verdadeiro. Os povos do Leste o chamavam de Regente, no princípio. Em Domo-dora, ele é O Vigia, e esta pode ter sido sua primeira classificação. Acredito que o batizaram de Dogma após a Região II se iniciar, tempo no qual me encontro agora, em minha incerta busca.

Desse modo, aqui escrevo para dialogar comigo mesmo, não com o Dogma: este tipo de diálogo deixo para os que o cultuam e, obviamente, não sou um deles, e jamais compactuaria com os absurdos dessas notícias recentes sobre os tais Cezanes.

Então, por que escrevo?

Bem, o faço para não permanecer perdido, pois a palavra me servirá de luz em um lugar cuja solidão me serve de caminho.

Certamente, após algum tempo sozinho, calaria minha voz e permaneceria em silêncio, mantendo apenas os mais rasos pensamentos atuando para preservar meu corpo e minha sobrevivência. Mas quando essa fase se findasse, eu iniciaria diálogos comigo mesmo: diálogos cada vez mais densos, abastecidos pelas dimensões deste mundo. Diálogos estes que, por sua vez, seriam esquecidos com o tempo. Esses primeiros diálogos viriam cheios de grandes certezas lógicas, e as primeiras conversas seriam lúcidas e produtivas.

Mas logo, Infelizmente, aquele que vos fala, já desgastado, diria coisas impróprias ao que escuta, já duvidoso. Dessa forma, ao abandonar minha voz em uma lucidez fugitiva, o meu caminho de solidão seria encoberto ou destruído assim como foram as estradas do mundo antigo, por um homem que não teria mais interesse em se ouvir.

A escrita é, portanto, a minha ponte entre tempos de certezas e de dúvidas, de paz e de ruína. Basta que eu volte algumas páginas e releia as palavras quando estas ainda eram jovens.

Duas semanas se passaram, e o cansaço chegou como um visitante inesperado. Estava com tanta vontade de seguir adiante que esqueci da carne e dos ossos dos quais sou constituído. Eles precisavam de repouso.

A fadiga me alcançou logo após uma subida extensa que decidi fazer para avaliar meu curso, mas o esforço teve seu retorno. Encontro-me agora em um ponto alto de uma colina que me privilegia com uma visão bem mais ampla do que tinha tempos atrás.

À minha frente, há um longo rio.

Finalmente acredito ter alcançado os extremos de um lugar chamado Párcora. A partir daqui, pouco se conhece e pouco se viu das chamadas Terras Vazias.

O termo Vazia, todavia, não é devidamente preciso, já que ainda existem coisas além de Párcora e de outros extremos, lugares e cidades que não tive a chance de conhecer, e além dos limites que foram moldados e que se estabeleceram após a chegada do já citado visitante. O desconhecido não é vazio só por não estar mapeado.

Já com a clareza de que o vazio, na verdade, está preenchido de novos mundos, a partir de então reconheço esses lugares como Terras Dogmáticas. Uma homenagem que deixarei ao destruidor do tempo e que provavelmente também é dominante nestes confins inexplorados pela sociedade moderna, assim como já detém o cotidiano da vida que conhecemos.

É difícil medir o tempo em terras ilógicas, com regras que

compartilham do mesmo adjetivo. Caminhei todos esses dias para chegar aqui. Mas agora, em poucos minutos, terei de decidir se continuo ou se retorno ao meu estado latente, pois não há dúvidas de que a barreira com a qual me deparo é uma boa razão para desistir.

Eu vivia quase como se fosse um perdurante que abandonou uma antiga existência, e transtornado, deixou para trás aqueles que podem ter sido os mais confortáveis dos seus dias.

E a razão para esse recomeço não era o que havia, mas o que não havia. O que me incomodava era a falta de porquês, e não de respostas. Por que vivemos em um mundo assim? Por que somos subjugados pelo grotesco? Esse questionamento, sim, já parecia ter se tornado uma relíquia.

Tais indagações deixaram de ser relevantes e não existiam mais. Após a passagem da Região I, das guerras que se travaram depois do primeiro dia, a conformidade, como se fosse uma doença, perfurou as células frágeis das novas sociedades.

Encontrei descanso em um tronco caído, onde reclinei minhas costas e repousei meus pés.

Vem-me agora, junto do ar que preenche meus pulmões novamente, a nítida ideia de onde estou. “Este deve ser o famoso rio Ogdaua, aquele que nasceu de uma ferida, há muito tempo.”

Sua cor é incomparável, de um preto que quase não reflete a luz, confirmando os relatos que já havia escutado de meu avô, um espectador das primeiras consequências do nascimento do mundo dogmático, na Região I. A formação desse rio aconteceu na mesma época.

A história falava sobre dois homens. O primeiro, mais velho e jacente em seu leito, sofria de uma terrível doença cerebral que lhe minou os movimentos, sem que conseguisse mover sequer uma falange de seus dedos. A doença, por outro lado, não afetou sua cognição, nem sua fala, mantendo intactas sua percepção e inteligência. O segundo era jovem e de físico perfeito, mas triste em sua mente. Foi abandonado durante o florescer de sua vida, e cedo teve de aprender a conviver com a desesperança de não possuir qualquer afeto.

Os dois se conheceram de uma forma rotineira, após o Dia da

Troca que, desde a Região I, era costume legislado pela nova Lei dos Povos: todos os alimentos que restavam durante o mês deveriam ser trocados entre os habitantes de uma cidade, fosse ela grande ou pequena, para renovar e nivelar os estoques de mantimentos entre todos.

Nesse dia, ao entrar em uma das casas para realizar uma troca, não demorou muito para que o mais jovem percebesse em um dos quartos a presença de um sujeito deitado ao fundo, olhando por uma janela entreaberta que nutria seu rosto com alguns raios solares. Uma mulher que ali estava, percebendo a curiosidade do rapaz, pediu para que este fosse até o quarto, pois há muito tempo ele não trocava palavras com alguém além dela. “Não se preocupe, pois logo em seguida eu irei para lhe garantir sua comida. Apenas.. apenas fale com ele”, disse ela.

Assim ele o fez e, ao chegar ao quarto, viu que o leito era feito de forma improvisada, com palhas, cordas e velhos tecidos aglomerados. Não existiam móveis ou objetos simbólicos que adornassem aquele ambiente, apenas um homem deitado, que logo após a entrada da nova visita disse: “Não há nada aqui porque não quero me lembrar. Só preciso olhar para o amanhã e o amanhã está nessa janela”.

O rapaz, ainda sem manifestar sequer uma palavra, sentou-se ao lado do seu novo conhecido e decidiu acompanhá-lo no deslumbre da janela, buscando entender o que, para ele, significava esse amanhã.

Dias se passaram, e o homem continuou visitando aquele que, imóvel, permanecia em seu leito com o olhar fixo para o céu em seu caseiro aprisionamento. Apesar de seu estado penoso, ele percebeu o quão bem cuidado era o pobre sujeito por aquela mulher que no primeiro dia ajudou os ajudou a apresentá-los. Mesmo com pouquíssimos recursos, ela frequentemente entrava no quarto para perguntar sobre seu estado, dar algum alimento em sua boca, banhá-lo com panos umedecidos, ou simplesmente dedicar-lhe algum carinho, o que invariavelmente o fez pensar em valores amorosos que jamais viveu em seu próprio destino.

Aquelas constantes visitas, por outro lado, trouxeram também ao homem paralisado visões daquilo que evitava pensar: um homem perfeito em seu físico, assim como ele mesmo fora, em

outros tempos.

“A necessidade é uma criação que só existe porque sentimos”, disse o velho, certa vez.

Mas com o tempo, a janela já não lhe era mais tão interessante. Ele queria saber da vida daquele que sempre o visitava e como estava o mundo lá fora, enquanto o visitante queria saber como era ser amado, para além de qualquer defeito.

“Como é poder andar para onde a mente quer?”, dizia o velho.

“Como é ser querido sem ter de recompensar a ninguém?”, perguntava o jovem.

Tudo o que tenho ciência desta história é que os desejos podem ser figuras sem cores, mas com linhas já bem definidas. As cores são preenchidas depois, conforme as escolhas feitas por cada um; mas, às vezes, essas cores são simplesmente pintadas sem qualquer equilíbrio por nossas emoções flutuantes. Como artistas de nossos desejos, podemos usar uma única cor quando estamos tristes ou múltiplas cores, de uma única vez, quando estamos cheios de alegria, mas não somente nestes momentos, pois também pintamos desta forma quando tudo parece nos faltar, em uma reação explosiva que vem de encontro às nossas frustrações.

Em ambas as formas, a figura final pode ser bem diferente do que se imagina: ela pode ficar sem vida, sem forma, ou pode transmitir tantas facetas ao mesmo tempo que se torna desconhecido o seu verdadeiro significado. Assim parecia ser aquela inesperada amizade que, depois de algum tempo, começou a desenvolver mais pensamentos sobre a vida que o outro possuía do que com o momento que compartilhavam. Qualquer reflexão sobre isso, todavia, já era tarde demais. O caminho de ambos já estava alinhado, em direção final a um fluxo irreversível.

Era noite.

A mulher cortava em seu colo um punhado de frutas em pequenos pedaços, usando suas mãos para levá-los à boca de seu marido.

De repente, o velho passou a rejeitar o alimento, e gradualmente começou a se queixar de fortes dores internas.

Pedi para que ela chamasse o costureiro visitante. “Preciso vê-lo. Por favor, depressa. Tenho algo a lhe dizer, pois acho que vou partir”.

A mulher saiu em busca do sujeito, acreditando que aquele pedido não passava de uma súplica por uma boa companhia, em um momento de angústia.

Pobre mulher.

Ela jamais poderia conceber que, naquele mesmo instante, já restava pouco de seu velho companheiro. Não passou por seu imaginário que por trás de sua voz clamando por ajuda, forças pavorosas do grande regente dogmático já conduziam uma transformação total do que um dia definiu aquele homem como um ser humano.

Após bater à porta em desespero e contar o que havia acontecido, a mulher retornou com o jovem para sua casa o mais rápido que pôde.

Do leito, ao perceber sua chegada, o homem gritou: “Venha aqui, depressa!”

O homem se aproximou daquele que estava prostrado, olhando fixamente em seus olhos, quando apenas ouviu dele: “Eu disse... eu disse que não queria lembrar!”

Sentiu um golpe atravessando seu abdômen, que logo começou a derramar um líquido denso e muito escuro.

O homem, desorientado e vertendo aquele estranho líquido, saiu correndo da casa do velho.

Ferido e se apoiando no que encontrava pelo caminho, continuou andando pela noite, entre as ruas da antiga cidade.

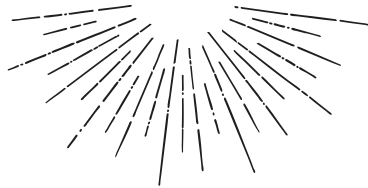
A mulher do velho, em completo choque, olhava para o objeto perfurante ainda segurado pela mão de seu marido outrora paralisado.

“Apenas me faltava a ira”, disse ele, erguendo-se e ficando de pé, com uma voz bastante pesada.

O jovem se chamava Ogdaua, e seu ferimento é a nascente da paisagem diante de meus olhos, que jamais parou de jorrar de seu abdômen perfurado.

Não se sabe ao certo o quanto Ogdaua andou durante sua fuga, mas acredita-se que até hoje ele peregrina, e pode ser encontrado caso você siga o curso do rio, para o norte, pois assim foi testemunhada sua última aparição, enquanto fugia desorientado por mais uma falta de afeto de um amigo que não pode lhe dar o que ele tanto queria.

ÖGDAUA



É necessário saber que meu destino começa além dessa faixa extensa de águas escuras, em que não se consegue ver nem mesmo a palma de uma mão mergulhada a poucos centímetros da superfície.

Até aqui, outros andaram. Além daqui, pelo que sei, ninguém

jamais ousou.

A fagulha que faltou para aqueles que outrora vieram antes de mim não foi a curiosidade. O problema sempre foi a travessia.

O rio é profundo, mas o desafio não é saber nadar ou ter uma jangada para atravessá-lo. O mal deste rio é pensar sobre ele. O evento dogmático que causou esta aberração é o mesmo que delimita o que do outro lado pode ser o início das Terras Dogmáticas, e esses lugares inexplorados que surgiram com a Região I.

Como pode haver uma maneira, seja ela qual for, de se cruzar um rio sem pensar sobre ele?

Aqui está um segredo que preciso descobrir.

E já faz alguns dias que comecei a pensar na solução, pois sabia que, escolhendo os limites de Párcora para começar minha verdadeira peregrinação, encontraria o rio, cedo ou tarde.

Com isso em mente, dias atrás fiz uso de uma técnica de concentração muito disseminada no pós-mundo, e que supostamente seria útil para libertar ideias presas pelo manto do inconsciente.

O que precisava fazer era continuar caminhando, mas com um ritmo que entrasse em perfeita sincronia com o de meus batimentos cardíacos. Se eles aumentassem, eu também dilataria meus passos. Caso diminuíssem, assim também deveria encolher a intensidade da minha marcha, até que se encaixassem novamente um com o outro.

Foi como tentar esculpir uma chave perfeita para uma certa fechadura, onde não havia qualquer molde, e isso foi um desafio maior do que pode parecer.

Sempre era necessário ficar com uma mão unida ao peito para perceber cada mudança sutil do meu coração.

Tinha também de lidar com o paradoxo de que meus batimentos eram proporcionais ao esforço necessário para cruzar as subidas e descidas dos caminhos que tomei, de tal modo que, ao aumentar o ritmo das passadas, os próprios batimentos também ficavam mais ligeiros, exigindo passos que acompanhassem esse ritmo, até conseguir encontrar um equilíbrio.

Desse modo, precisei de quase três horas para obter um padrão perfeito entre um e outro, mas finalmente alcancei um grau de percepção satisfatório que me recompensou com um súbito estado de relaxamento.

Com os batimentos perfeitamente alinhados ao meu caminhar, entrei em uma espécie de transe, e recebi do silêncio um ditado de ideias trajadas de sensações.

As despi e, dentre elas, uma foi consolidada. Era dado o momento de usá-la como ferramenta para o inimaginável.

Para atravessar o rio, tentarei, de forma extrema, abstrair os meus pensamentos do agora, pois meus sentidos estão atados tempo; se eu conseguir mover minha consciência para longe do que estou vivendo neste exato instante, poderei passar despercebido por essas águas.

Esse nível de controle mental é muito difícil de alcançar, pois meu corpo está conectado à minha mente, e sei que haverá momentos em que o cansaço ordenará dele uma reação, uma conexão involuntária que me lembrará sobre onde estou e o que estou fazendo.

Mesmo assim, tenho confiança de que essa técnica poderá me conduzir para longe o bastante sem que Ogdaua note minha presença.

Um outro problema que preciso lidar é com o fato de não saber com exatidão as consequências de qualquer deslize nessa travessia. O que aconteceria comigo, com meu corpo? A morte seria uma opção, mas o que verdadeiramente enrijece meus batimentos é a possibilidade de me tornar um escravo submisso à uma força dogmática.

Bem, só há uma forma de descobrir.

Acredito que o rio não seja largo o bastante para me cansar em uma travessia a nado.

Esta é a única opção.

Olho para todas as direções, mas não vejo jangadas ou balsas em nenhuma seção dessas margens.

Comigo carrego três pedaços médios de marraqueta cobertos em tecidos, que anexe à minha cintura, uma pequena lamparina, já quase vazia de combustível, blocos de magnésio para produção de faíscas e um cajado médio que se eleva até a altura de meus cotovelos, e que utilizo como apoio nas passagens mais desafiadoras. Posuo também algumas voltas de cordas enroladas em meu dorso, e com elas pretendo de alguma forma, prender o cajado em minhas costas enquanto faço a travessia.

Também usarei o restante das cordas para fixar este caderno em que escrevo o mais próximo possível de minha nuca, e tentarei nadar com a cabeça sempre erguida até chegar à outra margem, assim evitando parcialmente que o miolo de páginas entre em contato com a água.

Espero que estas não sejam minhas últimas palavras. Quero ter a chance de alcançar este mundo desconhecido; mas, caso tenha de partir, que seja breve.

Espero encontrar-me do outro lado do rio.

Rio Ogdaua, Região II, dia desconhecido.

Não consegui.

Descrevo aqui meu relato.

Cheguei a pouco tempo à mesma margem de onde parti cerca de uma hora atrás, e trago comigo o que antes não levei: a cegueira.

Sim, estou cego, e não sei ainda se de forma permanente.

Escrevo procurando com os dedos para encontrar os limites das folhas de meu caderno. Devo estar escrevendo em linhas tortas, e talvez tenha deixado folhas em branco para trás.

Tentei, com o tato, perceber onde havia a textura do lápis pressionando o papel das páginas que já foram escritas, mas não tenho como me certificar se obtive êxito.

O sacrifício que fiz para voltar quase me tirou a vida, algo que eu já estava preparado para enfrentar, mas que não queria que acontecesse por uma tola situação.

Comecei meu nado com sucesso ao me manter concentrado, tentando controlar meus pensamentos e seguindo a estratégia de tentar abstrair minha mente do que estava fazendo, e do rio em si.

Para isso, busquei visualizar com o máximo de precisão possível as antigas memórias e futuros quereres, mesmo sabendo que, ao fazer isso, o próprio Dogma poderia se tornar uma preocupação muito pior do que atravessar Ogdaua.

Dessa vez o Dogma me poupou; mas após vários minutos nadando, minha visão começou a ficar turva, escurecendo junto com as águas que me cercavam, até que apenas a escuridão se

tornasse janela de meus olhos.

Para isso eu não estava preparado. Perder minha visão deixou-me em desespero e a correnteza começou a me levar, pois naquele momento o nervosismo me roubou o controle dos meus movimentos para me locomover até o outro lado.

Precisava voltar.

Foi a única coisa que pensei enquanto debatia os membros descoordenadamente, já quase afundando nas trevas de Ogdaua que agora preenchiam os meus olhos, como se o rio estivesse dentro de minhas órbitas.

Com uma misteriosa vontade de permanecer vivo, consegui retroceder, já que a margem de onde parti ainda se encontrava muito mais próxima do que a margem à qual me destinava.

Após alcançar com dificuldade esta faixa de terra de onde agora escrevo, senti a breve passagem do alívio e a longa estadia do desgosto.

Por que não consegui? Não lembro de ter desviado meus pensamentos nem por um instante! Não lembro de ter pensado no agora e no que estava a fazer, a não ser que...

Sim, pode ser.

Sinto a maré do rio tocar levemente meus pés.

Então é isso. Tentei enganar Ogdaua, mas acabei me enganando com uma escolha da qual fui a única vítima. Agora, talvez tardiamente, entendo que, apesar de meus pensamentos viajarem para longe, os meus sentidos estavam perto, muito perto e por isso acabo de perder um deles.

A manhã surgiu novamente para me golpear com suas cruéis verdades.

A primeira delas é que continuo sem enxergar. A segunda é que já é tarde demais para voltar ao meu antigo viver.

Preciso deixar claro nestas anotações: a mim não foi dada nenhuma missão, nenhuma tarefa ou pedido íntimo para realizar esse feito. Não fui, de nenhuma forma, incumbido por ninguém a seguir esse destino. Sou responsável pelo meu sofrer, e a mim

também deverá ser dado crédito caso encontre novamente razões para sorrir.

Coloco-me agora com as águas de Ogdaua até os joelhos.

Não vejo a luz, mas sinto o calor do dia. Não vejo a água, mas sinto seu cheiro antigo e seu toque em minha pele.

O que me resta?

Caminhar, seguir adiante, mesmo sem ver, para enxergar somente o que preciso.

O que...

Escrevo estas linhas depois de romper o restante dos meus sentidos.

Devo estar perdendo a vida. Assim deve ser o significado de morrer.

O mais estranho, todavia, é que ainda respiro. Ainda sinto meu coração bater. Talvez essas, com as privações recebidas por Ogdaua, sejam as únicas atividades de meu corpo que ainda percebo. A respiração, esse ciclo involuntário, quase invisível por mim anteriormente, agora se destaca como um farol aceso em um oceano psíquico. Meu coração, que discretamente levava o oxigênio às minhas células, agora é como um conjunto de tambores tocados por um gigante que mora dentro de minha cabeça. Nem preciso mais senti-lo em meu peito, como fiz nos dias passados.

Na segunda tentativa de atravessar o rio, cheguei quase à sua metade.

Foi neste ponto que percebi meu corpo implodindo. Pelo menos essa foi a sensação, e a melhor maneira que encontro de descrever.

Não houve dor, pelo contrário: simplesmente deixei de sentir, perdendo completamente o tato.

Logo notei também que o cheiro antigo havia ido embora, e que o vento que uivava pela planície desapareceu de meus ouvidos.

Consegui voltar pela segunda vez à margem de onde parti após mais uma aflição repentina.

Novamente fracassei.

Ogdaua faz de mim uma piada de carne e ossos.

Perdi todas as sensações, e parece que nem mais faço parte deste mundo.

Estou agora mesmo, com bastante força tocando meu braço esquerdo e não sinto... não sinto nada!

O peso que minha mão deve estar fazendo no papel agora... deve ser descomunal. Não tenho noção da minha força, noção alguma.

O lápis deve estar atravessando a folha, as letras devem estar fora de ordem ou é provável que nem seja meu caderno o que estou segurando. Pode ser que agora me encontre prostrado sobre a areia, utilizando a ponta dos dedos para gravar essas palavras. Eu simplesmente não sei dizer o que minhas mãos tocam ou para qual direção meu corpo aponta.

Sim, isso deve ser morrer.

Mesmo que quisesse desistir de Ogdaua, não saberia dizer que sentido tomar, pois nada me serve como referência. Não sei a direção do vento e as nuvens já não me servem para nada, nem como guia, nem como sombra, pois não sinto calor e a luz já não atinge meus olhos.

Quero continuar, mas para onde? Nem mesmo sei de que lado está o rio.

Ou mesmo, para quê?

Repentinamente me veio uma terceira sensação para fazer companhia ao gigante tocando tambores em meus punhos e ao farol que indica para onde deve passar o ar que me conduz vivo.

Era uma sensação muito estranha, que não estava no exterior, mas nos mares psíquicos, e que não precisava de regiões nervosas para ser notado. Uma palavra apenas me veio à mente: saudade.

Mas como ter saudade do que não lembramos mais. Uma coisa não poderia se desconectar da outra.

Reservei alguns minutos para entender o que estava acontecendo.

Se a saudade era a terceira coluna que sustentava a minha vida, junto com a respiração e o sangue que continuava a correr pelo meu corpo, talvez a resposta para seguir meu caminho agora é que estes três pilares são as únicas coisas que preciso... o ar, o sangue e a saudade.

E mesmo que este último ainda seja apenas uma pequena luz acesa no fim da estrada, é a única luz que possuo agora.

Posso não saber que espaço meu corpo ocupa e nem para que lado ele anda, se é que anda. Posso não ouvir o vento, a areia ou as águas, mas ainda escuto a minha voz e nela confiarei.

Apenas descansarei quando esses pilares que me sustentam desmoronarem ou quando retomar meus sentidos e já não mais conseguir perceber suas desfocadas presenças.

Está na hora de ir.

Está na hora de ir.

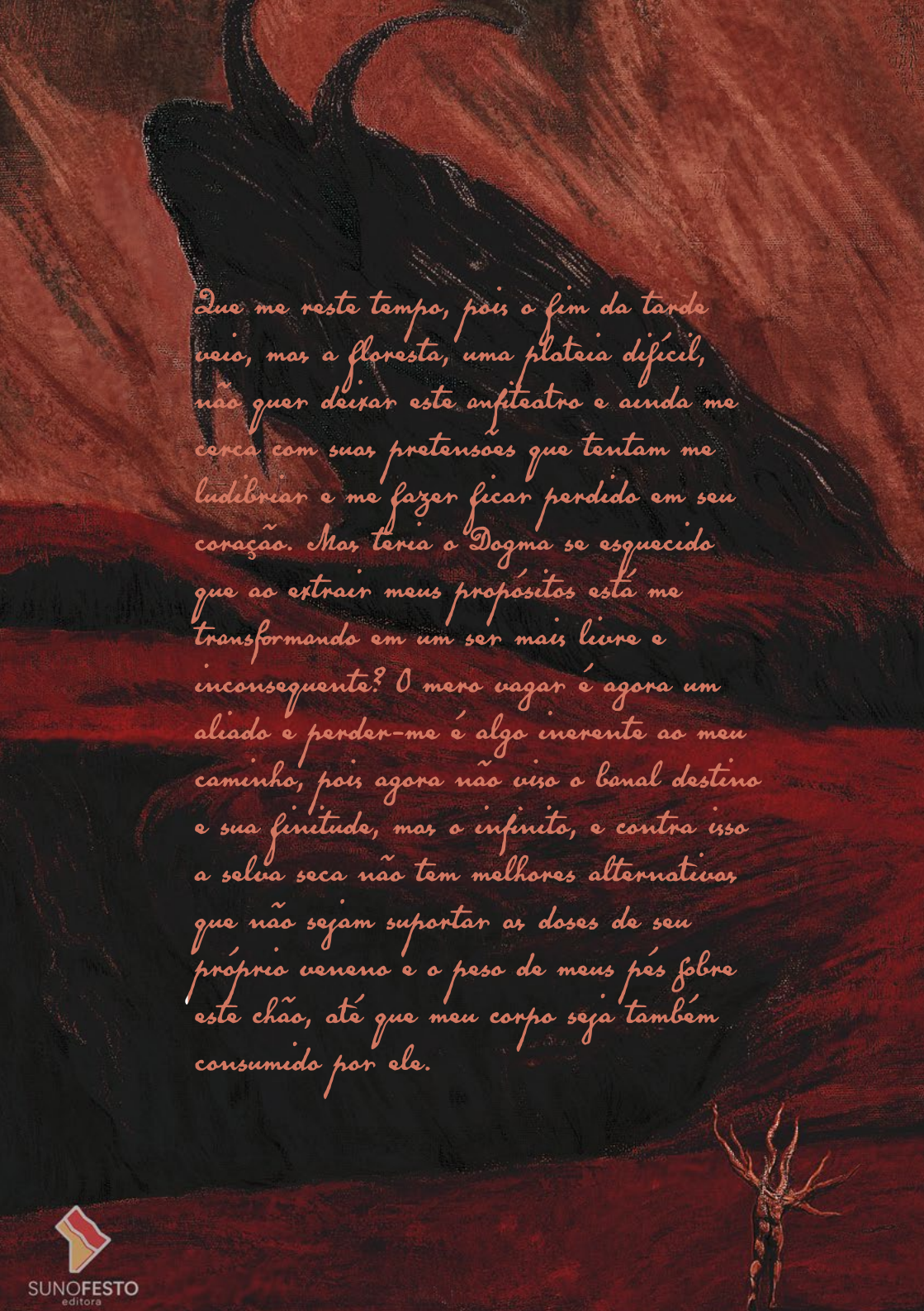
A parte I completa estará à venda em breve.
Acompanhe o lançamento em:

www.sunofesto.com.br

Siga-nos no Instagram:

@sunofesto

ODIÁRIO DED.



Que me reste tempo, pois o fim da tarde veio, mas a floresta, uma plateia difícil, não quer deixar este anfiteatro e ainda me cerca com suas pretensões que tentam me ludibriar e me fazer ficar perdido em seu coração. Mas teria o Dogma se esquecido que ao extrair meus propósitos está me transformando em um ser mais livre e inconsequente? O mero vagar é agora um aliado e perder-me é algo inerente ao meu caminho, pois agora não visio o banal destino e sua finitude, mas o infinito, e contra isso a selva seca não tem melhores alternativas que não sejam suportar as doses de seu próprio veneno e o peso de meus pés sobre este chão, até que meu corpo seja também consumido por ele.

